

Apresentação

Monstruosas Organizações

Monstruosa organização. Assim o narrador de *Til: um romance brasileiro* (1871), de José de Alencar, apresenta Brás, personagem vítima de alterações congênitas, julgado digno de repulsa, como “estranho aborto da natureza”. Rejeição e intolerância caracterizam a reação diante de um corpo e uma conduta considerados desviantes por seu afastamento de modelos que se compreendia afeitos à civilização, ordem, normalidade e saúde... A degeneração constituiria, portanto, perda da humanidade identificada ao modelo de homem civilizado na moderna sociedade ocidental e, nesses termos, o indivíduo tomado como destituído dos qualificativos de normalidade e de humanidade tornava-se uma “monstruosa organização”.

As implicações da designação proposta pelo romancista são muitas, mas, na apropriação que dela fizemos, ao organizar – num primeiro momento o II Seminário Interferências: Literatura e Ciência¹ e, agora, este dossiê –, vão ainda além das que poderíamos identificar na obra de Alencar. De modo a ratificar a dimensão múltipla indicada pelo uso do plural, é preciso notar os significados que *organizações* supõe desde a estrutura representada pelo corpo, que inclui o órgão e o orgânico em sua relação com a noção de organismo, passando pela acepção de sociedade enquanto organização, continuando em direção ao caráter institucional de órgãos e organismos, até alcançar o Estado. A associação do adjetivo *monstruosas*, por sua vez, atribui ainda, a essas “composições” polissêmicas, outros aspectos: doença, distorção, horror, estranhamento, alteridade, gigantismo... Em contraposição ao civilizado, o não humano surge como ameaça, seja por sua identificação à natureza não pacificada e às culturas não hegemônicas, seja como expressão das mazelas da sociedade que expõem e desmascaram as fissuras do processo civilizatório. Diante disso, as “monstruosas organizações” dizem respeito tanto a representações do corpo, tendo em vista sua exposição e

¹ Seminário realizado em setembro de 2017, no Campus do Gragoatá, UFF, com organização de Claudete Daflon e André Cardoso, que colocou a temática em debate, a partir da proposição de mesas com os seguintes temas: “O corpo obscuro”, “O outro monstruoso”, “A natureza perversa e a perversão da natureza”, “A construção do selvagem” e “Controle, técnica, razão”.

normatização, quanto ao lugar conferido ao mundo natural, à diversidade cultural, à técnica e à tecnologia, às grandes cidades, à formalização do conhecimento em suas relações com o poder, e, sem dúvida, ao Estado, comparado por Hobbes, em uma das primeiras teorizações sobre a nação moderna, ao grande Leviatã.

Tais reflexões permitiram a realização do presente Dossiê, composto por colaborações de variado matiz, que se aproximaram da temática por caminhos, formas e modos diferenciados, possibilitando afirmar a riqueza e a polissemia dos significados possíveis. Em simultâneo, a reunião dos artigos envolveu a consideração dessa diversidade e uma leitura que, atenta à qualidade, observasse as particularidades e a contribuição das diferentes abordagens, temas, períodos e autores.

O estatuto do homem, do humano, é central às temáticas aqui abordadas. A modernidade, desde cedo marcada pelo pensamento racional, alterou gradativamente a relação dos homens com a natureza, assim como o conhecimento do mundo que não cessou de, simultaneamente, ser ampliado e reduzido do ponto de vista espacial, em processo hoje fortemente questionado de ocidentalização. Modernidade que trouxe “descobertas”, que colocou diferenças em contato, que propiciou o questionamento do homem sobre si mesmo e sobre o seu estar no mundo. Indagações que alimentaram a produção literária que buscou escrutinar o humano e o pós-humano.

No artigo que abre o dossiê, Vera Lúcia Follain de Figueiredo [Imaginário moderno e apropriação científica do mundo: a banalização do monstro] observa, na modernidade, o papel desempenhado pelos discursos científico e jurídico na conversão do monstro medieval em anomalia. Desse modo, a autora apresenta o jogo entre, de um lado, a objetivação do corpo e sua desumanização, e, de outro, a sua condenação ao desaparecimento. De fato, ao mesmo tempo em que reflete sobre a relação entre o mundo da técnica e o esvaziamento da existência corporal, a autora retoma a imagem de Caliban para debater o sentido que a polarização moderna corpo/espírito assume na representação dos povos colonizados. Esse viés reflexivo lhe permite expor, por meio da análise crítica de obras ficcionais produzidas recentemente no Brasil, modos de desestabilização de estruturas hierárquicas e construções do

pensamento ocidental associadas à colonização, bem como a problematização da polaridade corpo/alma decorrente dos efeitos socioculturais de inovações tecnológicas.

A dimensão monstruosa associada a modos de conceber as relações dicotômicas entre o físico e o metafísico aponta, sem dúvida, para distinções e hierarquias que vêm sendo chanceladas ao longo da modernidade e que, muitas vezes, se encontram atreladas à técnica e às diferenças provocadas pelo simultâneo processo de expansão e circunscrição do mundo. Nesse sentido, articulam-se textos que abordam escritos sobre temporalidades distintas e até mesmo extremas, como é o caso do contato quase primordial de europeus com populações indígenas na América e a recente catástrofe do desastre nuclear de Tchernóbil.

Vida e morte são centrais a reflexões que se apoiam sobre obras que, de formas diferenciadas, constituem depoimentos sobre o vivido. O testemunho da morte e, portanto, da existência dos aturianos, traduzida pela língua animal, inscreve na cultura e transpõe para a escrita a sempre intempestiva passagem do tempo, destruidor, que toma forma na imaginação do presente vivido, expresso, como trabalhado no texto de Lúcia Ricotta Vilela Pinto [A mitologia do ornamento e a “lição” do animal], na figura do ornamento e da incompreensível fala do papagaio que, entretanto, configura registro do e sobre o passado.

São também testemunhos da morte ou de sua possibilidade, suspensa de modo etéreo sobre os sobreviventes de Tchernóbil, que marcam a reflexão de Jacy Seixas [Vozes de Tchernóbil: o tempo suspenso, o horror e a linguagem da memória e esquecimento] com base na leitura de Svetlana Aleksievitch. Da catástrofe resta o inenarrável: vozes construindo memórias que se contrapõem a um mundo de aparência limpa e saudável que, no entanto, se encontra corroído pelo mal perigosamente invisível.

A atualidade das questões centrais soma-se ao caráter interdisciplinar da discussão que recupera conceitos relevantes das ciências sociais e da filosofia na análise da sociedade contemporânea. Ramsés Albertoni Barbosa e Maria Luiza Igino Evaristo [Narrativas da ausência e do poder: o artifício de representação no romance de tese saramaguiano], em leitura do romance *A caverna*, de José Saramago, debatem a crítica contundente aos artifícios da dominação tendo em

vista a forma como são operados nas sociedades modernas, com destaque para as profundas alterações e metamorfoses na esfera do trabalho, assim como na relação dos homens com sua própria existência, subjetividade e elaboração de construções míticas de representação do mundo que lidam com a manutenção da coesão social.

Monstros parecem surgir em cenários políticos extremos, ora porque são resultado da desumanização do outro a ser eliminado, ora porque representam a própria violência do poder. Nesse sentido, Ramayana Lira de Sousa [“There would this monster make a man”: Colonial Power em the 1993 RSC Production of *The Tempest*], a partir de ponto de vista consonante com discussões pós-coloniais, busca apresentar como Caliban de *The tempest*, de William Shakespeare, aparece representado nas *performances* dirigidas por Sam Mendes e realizadas em 1993 pela Royal Shakespeare Company (RSC). A experiência, na perspectiva da autora, não constituiu revisão do processo que, ao retirar a humanidade do outro e torná-lo monstro, legitima a dominação colonial.

A incorporação de um modelo civilizatório que, sob feição humanista, opera processos de desumanização pode levar também à construção de categorias como o caipira. A esse respeito, Anita Martins de Rodrigues Moraes [A física da literatura: concretude, imaginação e contenção em Antonio Candido], por meio da formulação da cultura caipira diagnosticada como em extinção n’*Os parceiros do Rio Bonito*, de Antonio Candido, considera também, entre outras, a leitura que o crítico elabora sobre *Os sertões*. Desse modo, a autora intenciona questionar sua perspectiva quanto às funções da literatura em termos sociais, além dos enfrentamentos vinculados à força e carga simbólica das palavras, em especial naquilo que o autor denominou zoofilia caipira, em aproximação a formas de expressão do imaginário e da carga simbólica presente na sociabilidade da população rural.

Se discursos e políticas de controle sobre o corpo se pautam, muitas vezes, no estabelecimento de monstruosidades, não se podem ignorar as implicações disso nos estudos de gênero. Certamente, os diferentes sentidos conferidos à corporalidade trazem à tona a complexidade desse tipo de discussão ao mesmo tempo em que, como propõe Éder Fernandes Mônica [Sentidos de contrassexualidade e tecnologias corporais nos diálogos de

bombadeira e protagonismo trans], ao deter-se no discurso das personagens entrevistadas nos dois filmes documentários de seu estudo, revelam diferenças contundentes entre a produção teórica a respeito do tema e a realidade dos sujeitos. O autor evidencia, assim, a necessidade de reflexões mais agudas sobre corpo e gênero no contexto brasileiro contemporâneo, bem como sobre os possíveis sentidos de contrassexualidade e os usos de tecnologias corporais.

A questão encontra ainda seus desdobramentos na ficção científica com a multiplicação de exemplos que problematizam as relações entre humanidade, corpo, tecnologia e sociedade. Anderson Soares Gomes [A ciência monstruosa em *Frankenstein*: aspectos do pós-humano] sistematiza a inserção do conhecido romance de Mary Shelley – *Frankenstein* – nos estudos sobre o pós-humano, de modo a não só atualizar a importância da obra, como também a enriquecer os debates contemporâneos em torno do tema. A presença do gótico em *Frankenstein* e as relações que mantém com as formas de representação do corpo, especialmente no que diz respeito à sua configuração como monstruosidade, apontam para alguns desdobramentos. Júlio França [O horror do corpo em dois contos de Gastão Cruls] apresenta a configuração do Gótico e a trajetória de sua utilização na literatura brasileira. O desenvolvimento do texto soma para a compreensão e atualidade dos estudos sobre o “horror do corpo”, buscando seus sentidos atávicos, vinculados à condição humana, em reflexões extremamente importantes e atuais.

Já André Cabral de Almeida Cardoso em seu texto [Precarious humanity: the double in dystopian science fiction] trabalha um dos focos centrais da produção literária que retomou o gótico no final do século XIX, contraditando a racionalidade iluminista, em especial no que diz respeito ao humano em suas múltiplas relações interiores e sociais, em que a distopia ganha relevância. O duplo como elemento do “eu” fragmentado, que envia para a fronteira ou os limites do real e do imaginado, ou mesmo da criação do real pelo literário, constituindo foco privilegiado da ficção científica contemporânea.

Dimensões estético-ideológicas do gótico não são raras em obras de ficção científica, embora não estejam, obviamente, restritas ao gênero. Essa associação, no entanto, explicita ou nos faz refletir em como sua presença em termos da sociedade

tecnocientífica, em vários de seus aspectos, aciona um, ou mesmo diversos imaginários aproximados ao receio, ao medo e, eventualmente, ao terror. Estudos sobre a produção literária no Brasil revelam, por sua vez, como narrativas dessa ordem se fizeram presentes entre escritores brasileiros. Soa especialmente importante considerar a exploração de temas que se aproximam ou podem ser aproximados à estética do sublime, com a predominância do mistério, do suspense e do medo, em que as transgressões, tanto morais como físicas, marcam presença. Hélder Brinate Castro e Godofredo de Oliveira Neto [O gótico na ficcionalização de Pedra Bonita e de Canudos] exploram espaços, temas, crenças e personagens que possibilitam aproximar religiosidades populares ao sobrenatural. Sertões e ambientes rurais apresentam-se como sítios privilegiados dos *loci horribiles* tendo em vista o isolamento e as questões ambientais que os particularizam na produção ficcional.

No artigo de Henrique Roriz Aarestrup Alves [Função paterna: a monstruosidade do pai em Hora de dormir, de Santiago Vilela Marques, e A terceira margem do rio, de Guimarães Rosa], os espaços representados pelo sertão comparecem sob outra ótica, mais especificamente pelo desenvolvimento de discussão que multidimensiona, via psicanálise, o que se entende por monstruosidade no âmbito das representações de paternidade numa sociedade patriarcal.

As diversas faces e interfaces expostas nos diferentes trabalhos elencados até aqui enfatizam a multiplicidade e a interconexão das dimensões envolvidas na reflexão sobre a monstruosidade. Biológico e político, sobrenatural e tecnológico, antropológico e histórico... Contudo, há uma dimensão necessária que atravessa e é atravessada pelas demais: a linguagem. Daí o interesse provocado por abordagens voltadas para procedimentos que tensionam formas e ordens no processo de criação artístico-literário para produzir monstros da linguagem.

Rodrigo Gomes de Oliveira Pinto [Anatomia do monstro: o vitupério de Francisco José Freire ao poema tragicômico] explora, na *Arte Poética* de Francisco José Freire (1719-1773), a apresentação da tragicomédia como *monstrum*, ou seja, como gênero de poema misto, vicioso, que não apresenta proporção nem unidade. Por outro lado, tendo em vista as peculiaridades

do gênero romance como “híbrido”, “onívoro” “multiforme”, Daniel Bonomo [O *médio* e o monstro: Hibridismo mínimo em *Effi Briest*, de Theodor Fontane] propõe uma leitura de *Effi Briest* com a finalidade de singularizá-la como “monstro”, isto é, “antinorma dos gêneros”.

Se os hibridismos aparecem como desvios na discussão sobre gêneros como a tragicomédia e o romance, no caso do teatro contemporâneo, Ellen de Medeiros [Fissuras do real: desvios da mimese na dramaturgia brasileira contemporânea], tendo em vista o conceito de mimese, considera não ser possível a composição uniforme e harmônica em uma dramaturgia que questiona a si mesma. Para tratar o destoante, o teatro precisa assumi-lo na própria forma.

O percurso pelos artigos permite o encontro com um conjunto de leituras críticas e reflexões instigantes, resultado de olhares marcados por diferentes formações e perspectivas que aqui se voltaram para o tema proposto – Monstruosas Organizações. Tema que, em sua polissemia e amplitude, abre horizontes, o que possibilitou aproximações inéditas e análises conceituais diferenciadas, bem como abordagens resultantes da relação de textos e autores com as imensas contradições que permeiam a modernidade e o contemporâneo.

Sem dúvida, sistematizar sem perder a plasticidade inerente à proposta temática foi um desafio a ser enfrentado na organização do presente número. O caminho escolhido foi oferecer ao leitor um formato que comportasse diversidade e complexidade, com o fim último de revelar definições e indefinições implicadas na ideia mesma de monstro.

Convidamos à leitura.

Claudete Daflon

Universidade Federal Fluminense

Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura

Márcia Naxara

UNESP - Universidade Estadual Paulista

Programa de Pós-Graduação em História | FCHS-Franca

Pesquisadora CNPq-2

ORGANIZADORAS